

# A IGREJA COMO MÃE: O CASO DA ORDEM PRIMEIRA CARMELITA DA CIDADE DA PARAÍBA

*André Cabral Honor<sup>1</sup>*

Tudo começou dentro da própria Igreja Católica Apostólica Romana. No século XVI, um monge agostiniano chamado Martinho Lutero, pregou na porta da Igreja de Wittenberg um texto intitulado *95 teses*, no qual questionava várias práticas da Igreja Católica. Era o início do fim de uma unicidade cristã europeia. O surgimento de novas expoentes desse movimento, com destaque para Calvino e Zwinglio, pôs em cheque a hegemonia da Igreja Católica na condução do cristianismo no ocidente. A identidade religiosa comum se rompeu e o cristianismo cindiu-se mais uma vez, a semelhança do que havia ocorrido no século XI, com a fundação da Igreja Ortodoxa. Todavia, nesse caso, a situação era mais grave.

*Mesmo sem entrar na análise das razões doutrinárias das duas correntes religiosas, é claro que a unidade religiosa se desarticulou e que o homem, tendo diante de si uma alternativa, deve escolher: a escolha, é claro, não é apenas entre duas teses, mas entre dois modos de comportamento na vida.<sup>2</sup>*

Como consequência à reforma protestante, a Igreja Católica impetrou uma reação. Muito já se escreveu sobre a significação do Concílio de Trento como resposta às censuras feitas pelos protestantes. As críticas atingiam profundamente a instituição católica, pois vituperavam não apenas os comportamentos desviantes. As censuras confrontavam alguns dos mais importantes dogmas do catolicismo como, a existência de santos e relíquias, o uso de imagens para representar o divino, a virgindade de Maria, além da condenação da venda de indulgências.

Nesse contexto belicoso, a resposta da Igreja Católica foi contundente: buscou corrigir os desvios de conduta mais escandalosos, ao mesmo tempo que reafirmou os dogmas que haviam sido questionados. A Igreja partia para o contra-ataque utilizando de armas que já possuía, exaltando e reafirmando o que estava sendo questionado. Assim, santos e santas foram tomados como perfeitos modelos de conduta cristã; a figuração religiosa passou a ser deliberadamente objeto de propaganda nos templos, assumindo uma posição militante de conversão; e a figura de uma mulher, Maria, a mãe de Jesus Cristo, tornou-se um dos principais baluartes do discurso católico no combate às ideias protestantes.

Os templos construídos eram símbolo da presença do catolicismo em determinado território, constituindo pequenos pedaços de Roma em outros espaços. Essas edificações não podiam passar incólumes ao processo que a Igreja

---

<sup>1</sup> Doutorando em História pela Universidade Federal de Minas Gerais. Bolsista REUNI/ Capes. Realizou, no primeiro semestre de 2013, estágio de pesquisa (sanduíche – doutorado) junto à Universidade de Évora, com financiamento de uma bolsa Capes. E-Mail: <cabral.historia@gmail.com>.

<sup>2</sup> ARGAN, Giulio Carlo. *Imagem e persuasão: ensaios sobre o barroco*. Tradução de Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 49.

vivia, adquirindo, gradativamente, o discurso que provinha do papado, se tornando locais de afirmação dos contestados dogmas. Assim, templos foram recheados com imagens persuasivas sobre vida de santos, com especial atenção para a hagiografia da personagem a qual a igreja era consagrada. O culto a virgem cresceu entre os fiéis católicos, e, cada vez mais, irmandades e capelas foram fundadas no intuito de enaltecê-la.

Essa presença do feminino é extremamente forte dentro da Ordem de Nossa Senhora do Carmo, seja calçada ou descalça<sup>3</sup>, pois ambas possuem Maria como sua matrona. Das quatro igrejas da ordem primeira que os carmelitas fundaram nas capitâneas do norte do Estado do Brasil, duas foram dedicadas à Nossa Senhora do Carmo (Recife e Paraíba), uma a Santo Alberto (Goiana), e outra a Santo Antônio de Pádua (Olinda)<sup>4</sup>.

A Igreja da Ordem Primeira de Nossa Senhora do Carmo da Cidade da Paraíba, atual cidade de João Pessoa, imerge-se na figura feminina para conduzir o fiel à salvação da alma. Andar pela sua nave é embarcar na percepção de pequenos detalhes que enaltecem o feminino através da imagem de Maria e Santa Teresa d'Ávila, também conhecida como Santa Teresa de Jesus.

Logo na entrada do templo, o pequeno batente faz com que a visão do fiel se eleve para a imagem que está pintada no fundo do coro alto. De pé, na porta principal, o espectador vê uma moldura que abre o teto para um céu com nuvens, onde há uma Santa Teresa d'Ávila ajoelhada com os olhos voltados para Jesus Cristo, que se acomoda sobre uma nuvem. O homem de barba aponta para um triângulo (Fig. 1), enquanto pequenos anjos colocam suas cabeças para fora no intuito de assistir a cena.

---

<sup>3</sup> A Ordem de Nossa Senhora do Carmo está dividida em duas congregações independentes: os calçados, cujo início remonta ao século XI com o primeiro monge cuja alcunha é B. (historicamente identificado como São Bertholdo, mas atualmente, reconhecido como São Brocardo); e os descalços, oriundos da reforma teresiana, proposta por Santa Teresa d'Ávila no século XVI.

<sup>4</sup> O templo de Olinda foi a primeira edificação carmelita na América Portuguesa, fruto de uma doação feita por Jerônimo de Albuquerque Coelho, então capitão-mor de Pernambuco, no ano de 1584. O convento foi erguido junto a uma ermida que havia sido doada aos carmelitas, como esta já era consagrada a Santo Antônio de Pádua, o templo permaneceu com a invocação mesmo se tratando de um santo franciscano.



**Fig. 1** – Santa Teresa d’Ávila e Jesus Cristo, forro do nártex, Igreja de Nossa Senhora do Carmo, João Pessoa, Paraíba. Acervo do autor, fev. 2013.

A primeira vista, poderíamos identificar facilmente o triângulo como a Santíssima Trindade, ou seja, a união do Pai, Filho e Espírito Santo.

*Os símbolos da Trindade cristã (um só Deus em três pessoas que só se distinguem entre si enquanto relações opostas, e não por sua existência e essência, e às quais são atribuídas, respectivamente, as operações de poder, o Pai, de inteligência, o Verbo, e de amor, o Espírito Santo) são o triângulo equilátero.<sup>5</sup>*

Todavia, o triângulo encontra-se invertido, ou seja, de ponta cabeça. “Entre muitos povos o triângulo com a ponta para cima é símbolo do fogo e da força geradora masculina, enquanto o triângulo com a ponta para baixo é símbolo da água e do sexo feminino”<sup>6</sup>. O sentido de uma imagem centrada no feminino se mescla ao Espírito Santo, se sobressaindo na iconografia, “ligado ao sol e o milho, o triângulo é duas vezes símbolo da fecundidade”<sup>7</sup>. Comumente representado como uma pomba branca ou um triângulo, a iconografia do Espírito Santo envolvida num

<sup>5</sup> CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992, p. 908.

<sup>6</sup> BECKER, Udo. *Dicionário de símbolos*. Tradução de Edwing Royer. São Paulo: Paulus, 1999, p. 281.

<sup>7</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, *Dicionário de símbolos*, p. 904.

círculo solar, ou esplendor, invoca esse sentido de fertilidade, afinal, o Pentecoste deu aos apóstolos a habilidade de falar línguas desconhecidas com o objetivo de que propagassem a palavra de Cristo, no primeiro passo de mundialização da Igreja. Talvez o painel queira mostrar a santíssima trindade que fecunda a alma do cristão, em contato com o feminino que é a força central que rege a alegoria da salvação no interior da Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Cidade da Paraíba.

Ao longo de sua nave, painéis de azulejaria portuguesa expõe momentos ou crenças importantes para os carmelitas<sup>8</sup>. Adornados por cartelas seguradas por anjos, esses azulejos possuem símbolos que devem ser decodificados. Por vezes, fazem referência aos personagens representados, mas também rememoram a ladainha de Nossa Senhora, como é possível verificar nas representações da *rosa mística*, *torre de marfim*, *espelho de justiça*, *estrela da manhã* e *fonte de nossa alegria*<sup>9</sup>. Outras imagens se conectam com maior intensidade ao contexto da cena representada, como a lua, o sol (que também se conecta a Maria pela sua analogia à mulher vestida de sol do apocalipse), a rosa-dos-ventos (que também se remete a *estrela da manhã*), as margaridas, os lírios, as flores e as fontes d'água (novamente também podem fazer referência ao trecho *fonte de nossa alegria*). Dentre elas, a imagem do poço se repete três vezes, uma ênfase que indica a importância da significação de tal símbolo no templo (Fig. 2).



**Fig. 2** – Iconografia de fontes em azulejos.  
Igreja de Nossa Senhora do Carmo, João Pessoa, Paraíba.  
Acervo do autor, fev. 2013.

Durante toda a narrativa de *O livro da vida*, Santa Teresa d'Ávila se remeteu a apenas uma passagem bíblica: o encontro de Jesus com a samaritana que estava a buscar água no poço. O livro, que é sua autobiografia, foi escrito com o objetivo de se defender do Tribunal da Inquisição, onde era acusada de ser guiada pelo demônio. A monja carmelita utilizou-se das próprias escrituras para desconstruir o cerne do discurso do tribunal, que insistia na impossibilidade de Cristo se revelar a uma mulher.

*Jesus lhe disse: 'Acredita-me, mulher, vem em que nem nesta montanha nem em Jerusalém adorarei o Pai.*

<sup>8</sup> Sobre os painéis de azulejaria do Carmo ver: HONOR, André Cabral. "O verbo mais que perfeito: cultura histórica e azulejaria portuguesa setecentista no convento de Nossa Senhora do Carmo da Paraíba". *Portuguese Studies Review*, Ontario, Trent University, v. 18, n. 1, 2011, p. 37-59.

<sup>9</sup> Ladainha retirada do sítio eletrônico: <[http://www.vatican.va/special/rosary/documents/litanie-laur-etane\\_po.html](http://www.vatican.va/special/rosary/documents/litanie-laur-etane_po.html)>. Acesso em: 29 jan. 2013.

*Vós adorais o que não conheceis; nós adoramos o que conhecemos, porque a salvação vem dos judeus. Mas vem a hora – e é agora – em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade, pois tais são os adoradores que o Pai procura. Deus é espírito e aqueles que o adoram devem adorá-lo em espírito e verdade’.*  
*A mulher lhe disse: ‘Sei que vem um Messias (que se chama Cristo). Quando ele vier, nos explicará tudo’.*  
*Disse-lhe Jesus: ‘Sou eu que falo contigo’.*<sup>10</sup>

Ao citar essa passagem, Teresa colocava uma interrogação na cabeça de seus inquisidores: se Cristo havia se revelado a uma samaritana, que por ser da cidade de Samaria, era mal quista na sociedade, porque não se apresentaria a ela, uma monja? A Igreja de Nossa Senhora do Carmo transforma essa revelação de Cristo a uma mulher no caminho para se chegar à salvação. Santa Teresa d’Ávila é o guia dessa vereda, que trespassa a oração mental – e seu estágio de constante prece – e a reafirmação dos dogmas católicos.



**Fig. 3** – Em cima: Esplendor com triangulo de ponta cabeça.  
Embaixo: Painéis com a assunção de Nossa Senhora e a ascensão de Santa Teresa d’Ávila.  
Igreja de Nossa Senhora do Carmo, João Pessoa, Paraíba. Acervo do autor, fev. 2013.

Os dois altares que se localizam ao pé do arco-cruzeiro (Fig. 3) se caracterizam por não possuir um vestíbulo, mas painéis de madeira policromada. Na parte

<sup>10</sup> JOÃO. In: BÍBLIA de Jerusalém. 4 reimp. São Paulo: Paulus, 2006. Cap. 4, Vers. 21-26.

superior de cada altar, existe um triângulo invertido adornado por um esplendor. A pintura do coro alto já indicava a presença desse polígono como símbolo feminino, fato que se confirma agora com esses dois triângulos esculpidos na pedra calcária. Ambos os altares se relacionam com Santa Teresa d'Ávila representando momentos de transcendência. O mesmo acontece com os medalhões ovais que se encontram mais acima (Fig. 4).



**Fig. 4** – Em cima: Nossa Senhora no céu. Embaixo: Êxtase de Santa Teresa d'Ávila. Igreja de Nossa Senhora do Carmo, João Pessoa, Paraíba. Acervo do autor, fev. 2013.

Aproximar-se do altar – alegoria para a salvação por meio do ambiente divino – só é possível com a adoção de uma conduta cristã, ilustrada na Igreja de Nossa Senhora do Carmo, com especial atenção para as figuras femininas. A máxima da Igreja Tridentina era bastante clara: caso o cristão fizesse da sua vida um modelo católico a ser seguido, ele alcançaria o reino de Deus.

De mãos dadas com a prática da oração mental, Santa Teresa d'Ávila percorreu esse caminho de virtude e tocou o divino através do seu êxtase. Nesse estágio de gozo pleno, a monja teve uma visão de Nossa Senhora ascendendo aos céus.

*Num dia da Assunção da Rainha dos Anjos e Senhora nossa, dignou-se o Senhor fazer-me a seguinte graça: num arroubamento representou-me sua Mãe chegando ao céu. Vi a alegria e a solenidade com que foi recebida e o lugar onde está. Seria incapaz de dizer como ocorreu tudo isto. Foi grandíssima a exultação de meu espírito com a visão de tão imensa glória. Senti elevados efeitos, e tirei por fruto desejo maior de padecer de graves sofrimentos, e também vivas ânsias de servir a esta Senhora, pois tanto mereceu.<sup>11</sup>*

Utilizando-se da linguagem iconográfica, os painéis situados no lado esquerdo do altar, transcrevem a visão descrita por Santa Teresa d'Ávila na sua autobiografia. Com os olhos voltados para o alto, Maria sobe aos céus numa nuvem, enquanto no painel acima, vê-se o resultado da ação representada na pintura do altar: Nossa Senhora descansa em cima das nuvens em estado de glória.

O painel do altar ao lado direito recria a visão da assunção de Nossa Senhora, colocando Santa Teresa d'Ávila em seu lugar. A monja carmelita morreu no dia 4 de outubro de 1582, e, de acordo com a hagiografia, sua alma subiu ao céu na forma de uma pomba branca. Estrategicamente colocada antes do arco cruzeiro, a imagem mostra, por meio da figura de Santa Teresa d'Ávila, o resultado dos esforços da persecução da conduta cristã. Seguindo os preceitos católicos, sempre com oração e fé, é possível chegar a Deus. E esse encontro com o divino é sempre acompanhado de êxtases gozosos.

Em outro momento de sua autobiografia, Santa Teresa descreve a visão de um anjo que lhe trespassou o coração com uma flecha enquanto seu corpo se entregou a um júbilo carnal.

*Aprouve ao Senhor favorecer-me algumas vezes com esta visão. Via um anjo perto de mim, do lado esquerdo, sob forma corporal, o que não costumo ver senão muito raramente. Ainda que muitas vezes anjos me apareçam, não os vejo senão pelo modo que os expliquei na visão passada, de que falei primeiro. Nesta visão o Senhor quis que assim o visse: não era grande, senão pequeno, formosíssimo, o rosto tão incendiado, que deveria ser dos anjos que servem muito*

---

<sup>11</sup> JESUS, Santa Teresa de. *Livro da vida*. 10 ed. Tradução de Maria José de Jesus. São Paulo: Paulus, 2007, p. 346.

*próximo de Deus, que parecem abrasar-se todos, presumo que seja dos chamados querubins, pois eles não me dizem seus nomes. Bem vejo que no céu há tanta diferença de uns anjos para outros, e destes para outros ainda, que não o saberia nomear.*

*Via-lhe nas mãos um comprido dardo de ouro. Na ponta de ferro julguei haver um pouco de fogo. Parecia algumas vezes mete-lo pelo meu coração a dentro, de modo que chegava às entranhas. Ao tirá-lo tinha eu a impressão de que as levava consigo, deixando-me toda abrasada em grande amor de Deus. Era tão intensa a dor, que me fazia dar os gemidos de que falei. Essa dor imensa produz tão excessiva suavidade, que não se deseja o seu fim, nem a alma se contenta com menos do que com Deus. Não é dor corporal senão espiritual, ainda que o corpo não deixe de ter sua parte, e até bem grande. É um trato de amor tão suave entre a alma e Deus, que suplico à sua Bondade o dê a provar a quem pensar que mintu.<sup>12</sup>*

A força do relato de Santa Teresa sendo trespassada pela flecha em chamas do anjo motivou inúmeras representações iconográficas, sendo eternizada na escultura. O italiano Gian Lorenzo Bernini esculpiu no mármore branco uma representação da cena que se tornou um marco da arte barroca. A escultura serviu de inspiração para inúmeras obras posteriores, dentre as quais, a imagem de êxtase encontrada no medalhão oval do lado direito da nave da Igreja de Nossa Senhora do Carmo.

Impossível não perceber a inspiração do autor anônimo da tela da Igreja da Cidade da Paraíba com a cena esculpida por Bernini<sup>13</sup>. Todos os seus elementos centrais se encontram: o Anjo com sua flecha, a santa arrebatada pelo amor de Cristo e o sol iluminando a cena. De acordo com Hannah Levy, a circularidade das imagens europeias na América Portuguesa é fato indiscutível.

*É fora de dúvida que grande número de pintores nacionais se utilizou de modelos da arte européia. Daí o caráter eclético da pintura colonial, vista em conjunto, e daí também o caráter heterogêneo que se nota freqüentemente nas obras de um mesmo artista.<sup>14</sup>*

Fernand Braudel, ao analisar o Barroco Italiano, ressaltava a irradiação dessa cultura para o resto da Europa e América, “Roma permaneceu na escala da Europa, mas seus exemplos também se exportaram até para a América, onde um barroco colonial deitará fortes raízes e se expandirá, por assim dizer, em vegetação

<sup>12</sup> JESUS, *Livro da vida*, p. 236.

<sup>13</sup> Famoso escultor italiano, Bernini fez diversas esculturas com figuras mitológicas, dentre elas: *O rapto de Perséfone*; *Apolo e Dafne*; *O Sátiro e a Ninfa* e também a *Fontana dei Fiumi* (fonte dos quatro rios), esta última na Piazza Navona, em Roma.

<sup>14</sup> LEVY, Hanna. “Modelos europeus na pintura colonial”. *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, SPHAN, v. 8, 1944, p. 7.



cerrada”<sup>15</sup>.

A alusão ao mito grego do cupido é mais nítida na imagem de Bernini, na qual um pequeno anjo segura delicadamente a flecha, e num sorriso travesso, aponta-a para a santa. No painel da igreja ora estudada, o anjo adquire feições adultas, porém, não perde de vista a ideia do cupido como semeador da paixão.

A flecha é o instrumento que fecunda o amor, é o “símbolo do intercâmbio entre o céu e a terra”<sup>16</sup>. Em ambas as imagens, a flecha aponta para baixo, adquirindo, dessa forma, uma propriedade divina. No painel da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, há uma linha vermelha que delinea o trajeto até o coração de Santa Teresa. Talvez pela altura em que a pintura se encontra, o autor sentiu a necessidade de ressaltar na imagem a ideia de que o coração do fiel deveria ser trespassado pelo amor divino, assim como ocorreu com a santa de Ávila. Ademais, a flecha também representa a superação da vida ordinária através da conquista de uma virtude que está além do alcance. Aos frequentadores da igreja, a flecha constitui uma resposta concreta de Deus aos anseios e martírios daqueles que o seguem.

Arrebatada pelo amor divino, a santa entra em uma espécie de transe. Na escultura de Bernini, seu rosto esboça uma nítida sensação de prazer que se assemelha a um orgasmo. A posição da mão e dos pés é de exaustão corporal devido ao imenso fervor que esse amor causou, ajudando na composição do êxtase. Reforça-se a imagem gozosa porque a flecha “tem um sentido fálico inegável, em especial quando aparece em emblemas contraposta a um símbolo do ‘centro’ e de caráter feminino como o coração”<sup>17</sup>.

No painel da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, a santa encontra-se de olhos fechados, com as pernas e o braço na mesma posição, porém, sem a expressão de prazer no rosto, o que oblitera um pouco a sensação de êxtase. Santa Teresa d’Ávila parece estar num sono profundo descansando numa nuvem, ao contrário da estonteante escultura de Bernini, que traz uma Teresa semiconsciente, ainda extasiada de prazer.

Iluminando a cena, estão os raios de sol. Tanto no painel da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, quanto na escultura de Bernini, esses elementos adquirem um papel essencial para a composição da cena. O artista italiano destacou os raios de sol em sua composição escultórica cenográfica, cobrindo-os de ouro, em contraste, com a imagem da santa esculpida em mármore branco. No painel da Igreja do Carmo da Cidade da Paraíba, a luz dos raios do sol perde um pouco da força por se tratar de uma imagem colorida, porém, o artista buscou compensar essa perda espalhando um tom amarelo pela imagem, como se o anjo e a santa estivessem sendo iluminados pelos raios. Tal efeito é acentuado pelo acréscimo de sombras aos personagens, salientando a luminosidade da cena.

Novamente, faz-se referência a uma das imagens mais difundidas na iconografia religiosa, a representação do sol. A fascinação por esse símbolo, que não se deixa olhar diretamente, mas cuja presença possibilita a visualização do mundo, faz com

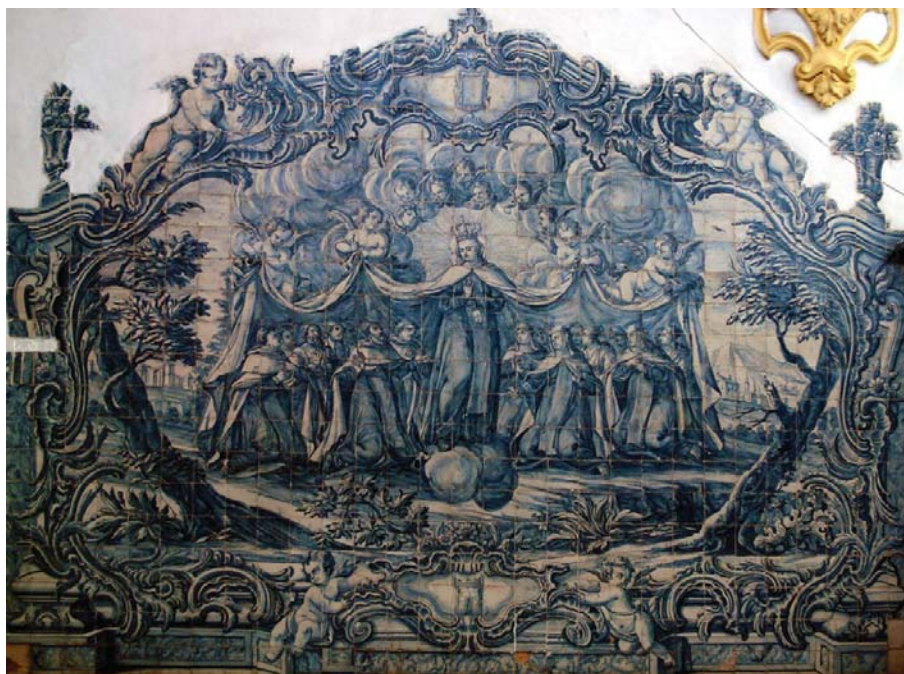
<sup>15</sup> BRAUDEL, Fernand. *O modelo italiano*. Tradução de Franklin de Mattos. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 151.

<sup>16</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, *Dicionário de símbolos*, p. 435-437.

<sup>17</sup> CIRLOT, Juan Eduardo. *Dicionário de símbolos*. Tradução de Rubens Eduardo Ferreira Frias. São Paulo: Moraes, 1984, p. 256.

que ele esteja presente como alegoria divina desde os cultos das sociedades pré-colombianas até a doutrina católica romana. No êxtase de Santa Teresa, o sol, já identificado com Cristo ou Deus pai, torna-se a fonte de energia que dá forças ao cristão para enfrentar o caminho até a salvação eterna. Da mesma forma que o sol é o sustento das plantas, Cristo é o alimento a ser tomado pelo fiel, e Santa Teresa é o modelo a ser seguido para esse encontro divino. Somente após a entrega de si mesmo ao amor de Deus, o fiel se encontrará pronto para transcender a outro plano espiritual.

A transcendência e salvação, conduzidos pelo feminino, aparecem também no painel de azulejos que se encontra do lado direito, ao lado do altar-mor (Fig. 5). Na imagem central, Nossa Senhora do Carmo protege com seu manto os frades e as monjas carmelitas, auxiliada por dois anjos que seguram a grande capa. Nesse contexto imagético, a azulejaria mostra o que acontece com aqueles que fazem de sua vida espelho de modelos de virtude: esses fiéis serão recompensados com a proteção de Nossa Senhora do Carmo.



**Fig. 5** – Azulejaria: Nossa Senhora cobre os carmelitas com seu manto. Igreja de Nossa Senhora do Carmo, João Pessoa, Paraíba. Acervo do autor, fev. 2013.

No misticismo, “revestir o manto é escolher o caminho da perfeição. Entre os místicos identifica-se com aquele que o traz, com seus ensinamentos e seus poderes”<sup>18</sup>. Ou seja, Nossa Senhora do Carmo é a matrona e modelo máximo daqueles que almejam a proteção divina. Sob seu auspício, alegorizado na imagem pelo seu manto, reside a segurança e a paz.

<sup>18</sup> SCHLESINGER, Hugo & PORTO, Humberto. *Dicionário enciclopédico das religiões*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 1679.

Maria, Rainha do Carmelo, encontra-se com uma coroa de reis<sup>19</sup>. Não há passagem na Bíblia que fale sobre a coroação de Maria, porém, de acordo com os dicionários de símbolos consultados, as imagens de Nossa Senhora portando uma coroa se assemelham tipologicamente a duas passagens bíblicas: a coroação de Ester, “e o rei a preferiu dentre todas as outras mulheres; diante deles alcançou favor e graça mais do que qualquer outra moça. Ele pôs o diadema real sobre a cabeça dela e a escolheu como rainha [...]”<sup>20</sup>, e a exaltação de Betsabéia:

*Betsabéia foi, pois, à presença do rei Salomão para lhe falar de Adonias e o rei se ergueu para ir ao seu encontro e se prostrou diante dela; depois sentou-se no trono e mandou colocar um assento para a mãe do rei e ela sentou-se a sua direita.*<sup>21</sup>

Acrescenta Manfred Lurker que “A coroa é o sinal por excelência da dignidade senhoril; o rico adereço de pedras preciosas e pérolas significa a plenitude de poder”<sup>22</sup>. Há um cântico de louvor a Deus que se refere à coroa como sinal de poderio e realeza, “Pois tu o precedes com bênçãos felizes, cinges com coroa de ouro tua cabeça”<sup>23</sup>. Nossa Senhora coroada é a representação iconográfica da própria Igreja Católica Apostólica Romana, único local onde a salvação é possível.

A imagem da coroa reforça a proteção do manto, pois Maria, como mãe da ordem, possui autoridade e plenos poderes para proteger os seus devotos, podendo, até mesmo, salvá-los do fogo do eterno. Tanto que em todos os painéis em que aparece, à exceção desse, Maria e o Menino Jesus aparecem entregando um escapulário, ou um manto, para as figuras com quem partilham a cena.

Há de se mencionar também, que a coroa na Igreja de Nossa Senhora do Carmo, representa a vitória dos modelos de conduta cristã como meio de redenção após a morte do fiel, pois, “A coroa da Antiguidade recebeu no cristianismo o valor de sinal da salvação alcançada”<sup>24</sup>. Ter o privilégio de permanecer na capela principal – reservada para o pároco e irmãos da Ordem Primeira Carmelita – indica o cumprimento do papel de modelo cristão, garantindo a salvação pelas mãos de Nossa Senhora do Carmo.

Na cartela inferior do painel de azulejos, é possível identificar uma torre ou um castelo. Além de estar citado na ladainha de Nossa Senhora, sua iconografia também está associada à ideia de proteção dentro da doutrina cristã, mais especificamente, na obediência aos preceitos místicos de Santa Teresa.

*Na vida real, assim como nos contos e nos sonhos, em geral o castelo está situado em lugares altos ou na clareira*

<sup>19</sup> Identificada através do esquema iconográfico proposto por: BECKER, *Dicionário de símbolos*, p. 75.

<sup>20</sup> ESTER. In: BÍBLIA de Jerusalém. 4 reimp. São Paulo: Paulus, 2006, p. 701-715. Cap. 2, Vers. 17.

<sup>21</sup> 1 REIS. In: BÍBLIA de Jerusalém. 4 reimp. São Paulo: Paulus, 2006, p. 468-506. Cap. 2, Vers. 19.

<sup>22</sup> LURKER, Manfred. *Dicionário de figuras e símbolos bíblicos*. 2. ed. Tradução de João Rezende da Costa. São Paulo: Paulus, 2006, p. 70.

<sup>23</sup> SALMOS. In: BÍBLIA de Jerusalém. 4 reimp. São Paulo: Paulus, 2006, p. 864-1019. Cap. 21, Vers. 4.

<sup>24</sup> BECKER, *Dicionário de símbolos*, p. 74.

*de uma floresta: é uma construção sólida e de difícil acesso. Dá impressão de segurança (como a casa, geralmente), mas de uma segurança no mais alto grau. É um símbolo de proteção.*<sup>25</sup>

Para chegar a essa proteção é necessário transcender a realidade, tal como acontecia com Santa Teresa de Jesus, quando se dedicava à prática da oração mental.

*[...] sua própria localização isola-o um pouco no meio de campos, bosques e colinas. E o que ele encerra, separado assim do resto do mundo, adquire um aspecto longínquo, tão inacessível quanto desejável. Por isso o castelo fiura entre os símbolos da transcendência: a Jerusalém celeste toma a forma, nas obras de arte, de uma fortaleza erigida de torres e torreões pontiagudos, situada no cume de uma montanha.*<sup>26</sup>

No ano de 1577, Santa Teresa escreveu um livro intitulado *O Castelo interior*, no qual explicava os fundamentos de seu misticismo. Na Igreja de Nossa Senhora do Carmo, a imagem do castelo também pode indicar a base espiritual adotada pelos carmelitas reformados da Paraíba. Seguidores da Reforma Turônica<sup>27</sup>, eles abraçaram a mística teresiana como guia para a salvação.

*O castelo interior é a obra da maturidade teresiana e um dos vértices de toda a literatura mística, escrito em 1577, quase de uma vez, em menos de dois meses (levando-se em conta suas inúmeras ocupações). O livro divide-se em moradas (segundo a atividade da alma, que vai penetrando em seu castelo interior, à procura do aposento mais íntimo, onde habita o Deus-Trindade); quando a alma chega ao centro da morada, descobre que chegou ao centro da vida divina, ao centro de si mesma e ao centro de todo o universo.*<sup>28</sup>

Na cartela superior do painel de azulejos, a iconografia de um espelho aparece como um dos símbolos marianos, inclusive, mencionado na ladainha. É identificado com o feminino, pois reflete uma imagem, tal como a lua reflete a luz do sol. Na Bíblia, Maria refletiu a vontade de Deus deixando-se ser fecundada. O cristão deve se espelhar em Nossa Senhora, o maior modelo de vida que há dentro do Carmelo,

<sup>25</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, *Dicionário de símbolos*, p. 199.

<sup>26</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, *Dicionário de símbolos*, p. 199.

<sup>27</sup> Reforma Turônica é o nome que se dá aos frades carmelitas calçados seguidores da constituição da Estrita Observância que surgiu no século XVII no Convento de Turon na França. Desde a sua apovação, os conventos podiam escolher qual constituição seguir, sem constituir congregação a parte: a Antiga Observância, adotada pelos conventos de Olinda e Salvador, e a Estrita Observância, adotada pelas casas da Paraíba, Recife e Goiana.

<sup>28</sup> BORRIELLO, L. *et al.* (dir.). *Dicionário de Mística*. Tradução de Benoni Lemos *et al.* São Paulo: Paulus, 2003, p. 1014.

“Quanto mais uma pessoa mergulha numa imagem, tanto mais esta se transforma nela, tornando-se a pessoa mesma imagem modelar”<sup>29</sup>.

A alegoria barroca cristã busca exatamente isso: uma transformação por meio da introjeção de um modelo de virtude; o espelhamento de sua conduta na glória divina. “E nós todos que, com a face descoberta, contemplamos como num espelho a glória do Senhor, somos transfigurados nessa mesma imagem, cada vez mais resplandecente, pela ação do senhor, que é Espírito”<sup>30</sup>.

Em sua autobiografia, Santa Teresa d’Ávila descreveu uma de suas visões, na qual se via como um espelho que refletia a vontade divina.

*Estando uma vez nas Horas [momento em que rezavam pela manhã todas juntas] com todas as monjas, minha alma subitamente recolheu-se. Pareceu-me vê-la como um claro espelho, que não tinha avesso, nem lados, nem alto, nem baixo. Estava toda luminosa, e no centro foi-me dado contemplar Cristo, nosso Senhor, como costume vê-lo. Tive a impressão que em todas as partes da minha alma o via com tanta nitidez como num espelho. Ao mesmo tempo, este espelho se esculpia inteiramente não sei dizer como, no mesmo Senhor, por inefável comunicação sumamente amorosa.*<sup>31</sup>

A teoria da transmutação para alcançar o divino encontra-se presente na passagem. Ressalta-se, mais uma vez, a importância da modificação do indivíduo, do aperfeiçoamento de sua conduta nos moldes da doutrina cristã. E não há maior transformação dentro da cultura histórica carmelita do que a ocorrida com Teresa de Cepeda y Ahumada.

A hagiografia de Teresa toma um novo fôlego dentro das alegorias da Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Cidade da Paraíba. Ela é a base de sustentação do templo, ao conduzir o cristão a uma jornada espiritual de encontro com o divino. Nesse templo carmelita, a Igreja Católica Apostólica Romana, que tantas vezes foi misógina, buscou suas forças nas figuras femininas, utilizando-as como veículos de persuasão, glorificação do divino e remissão da alma. Ao imergir naquele mundo, percebe-se que a força espiritual daquele templo se concentra no feminino. Por meio da oração mental, Santa Teresa oferece o caminho, enquanto Nossa Senhora do Carmo, proporciona a salvação.

No altar-mor da igreja duas cariátides sustentam a base balaustrada onde se impõe o trono de Nossa Senhora do Carmo. Seria mais uma referência do alicerce feminino que sustenta a espiritualidade dos carmelitas na Cidade da Paraíba? Surgidas na arquitetura grega, elas possuem esse nome por causa das mulheres da Aldeia de Karyai, famosas pela sua valentia e força, mas que foram escravizadas pelos gregos com a derrota de seu povo nas Guerras Persas. Como colunas, estão condenadas a sustentar eternamente o templo, representando, dessa maneira, a

<sup>29</sup> LURKER, *Dicionário de figuras...*, p. 93.

<sup>30</sup> 2 CRÔNICAS. In: BÍBLIA de Jerusalém. 4 reimp. São Paulo: Paulus, 2006. p. 586-627. Cap. 3, Vers. 18.

<sup>31</sup> JESUS, *Livro da vida*, p. 349.

força e a bravura dessas mulheres, mas também a subserviência que deviam aos seus senhores. Pelas suas características, as cariátides também são identificadas com Diana (Ártemis), filha de Latona e Júpiter (Zeus). Ela era a deusa dos bosques, da caça e da lua, e transformou-se na expressão máxima da feminilidade na mitologia grega devido a sua força e virgindade. A escolha desse elemento arquitetônico grego como base de apoio do camarim onde há a imagem de Nossa Senhora do Carmo, apenas ressalta a importância da figura feminina no templo conventual, pois Maria é a rainha que proporciona a salvação, mas é subserviente à vontade divina.

Através dessas mulheres, trilha-se o caminho para a salvação. Uma estrada árdua para um monge ou monja carmelita e ainda mais pedregosa para uma pessoa comum. Em sua literatura, Santa Teresa d'Ávila exaltava a importância das dificuldades na vereda que o cristão trilhava. As imagens da Igreja de Nossa Senhora do Carmo na Cidade da Paraíba parecem compreender que o processo de conversão não é fácil. Somente por meio de uma imersão na doutrina católico-cristã seria possível transformar o homem, a ponto de levá-lo à esfera divina. Para isso, buscou na representação barroca do feminino, e seu caráter persuasivo, a força necessária para semear nos homens a virtude capaz de enfrentar as pequenas mazelas do cotidiano que corrompem a fé quase imperceptivelmente.



## RESUMO

No ano de 1777 foram feitos os últimos retoques do processo de reconstrução da Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Cidade da Paraíba. Adornada com altares cobertos de ouro o templo se destacava pela sua azulejaria portuguesa e painéis policromados pintados na madeira. Nessas imagens, uma ideia se sobressaía: a de que a salvação só é possível dentro da Igreja Católica. Todavia, os caminhos a serem seguidos para alcançar esse fim eram múltiplos. Os Carmelitas Turônicos, ou Reformados, buscaram na reforma descalça, a oração mental a ferramenta para chegar até a proteção divina, alegorizada por Nossa Senhora do Carmo. Assim, a igreja se apresenta como uma mãe, imersa em feminilidade, fornecendo, através de exemplos de mulheres, a forma e o fim pelos quais um verdadeiro cristão deve transitar.

**Palavras Chave:** Ordem Carmelita; Igreja; Iconografia.

## ABSTRACT

In the year of 1777, the last improvements of the rebuilding in the Church of Our Lady of Mount Carmel in Paraíba City was builded. Decorated with altars covered by gold, the temple distinguished itself for the Portuguese tiles and polychromes panels painted on wood. In those images, an ideal excelled: the salvation is only possible inside of the Catholic Church. However, the paths that had to be followed to reach this end were multiples. The Turonic Carmelites, called Reformed, took from the Discalced Carmelites, the mental prayer as an instrument used to gain the divine protection, allegorized by Our Lady of Mount Carmel. Therefore, the church presents itself as a mother, immerse in femininity, through examples of women, catering the path and the finality whereby a true Christian must transit.

**Keywords:** Carmel Order; Church; Iconography.

Artigo recebido em 04 abr. 2013.

Aprovado em 23 abr. 2013.